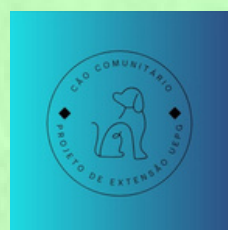
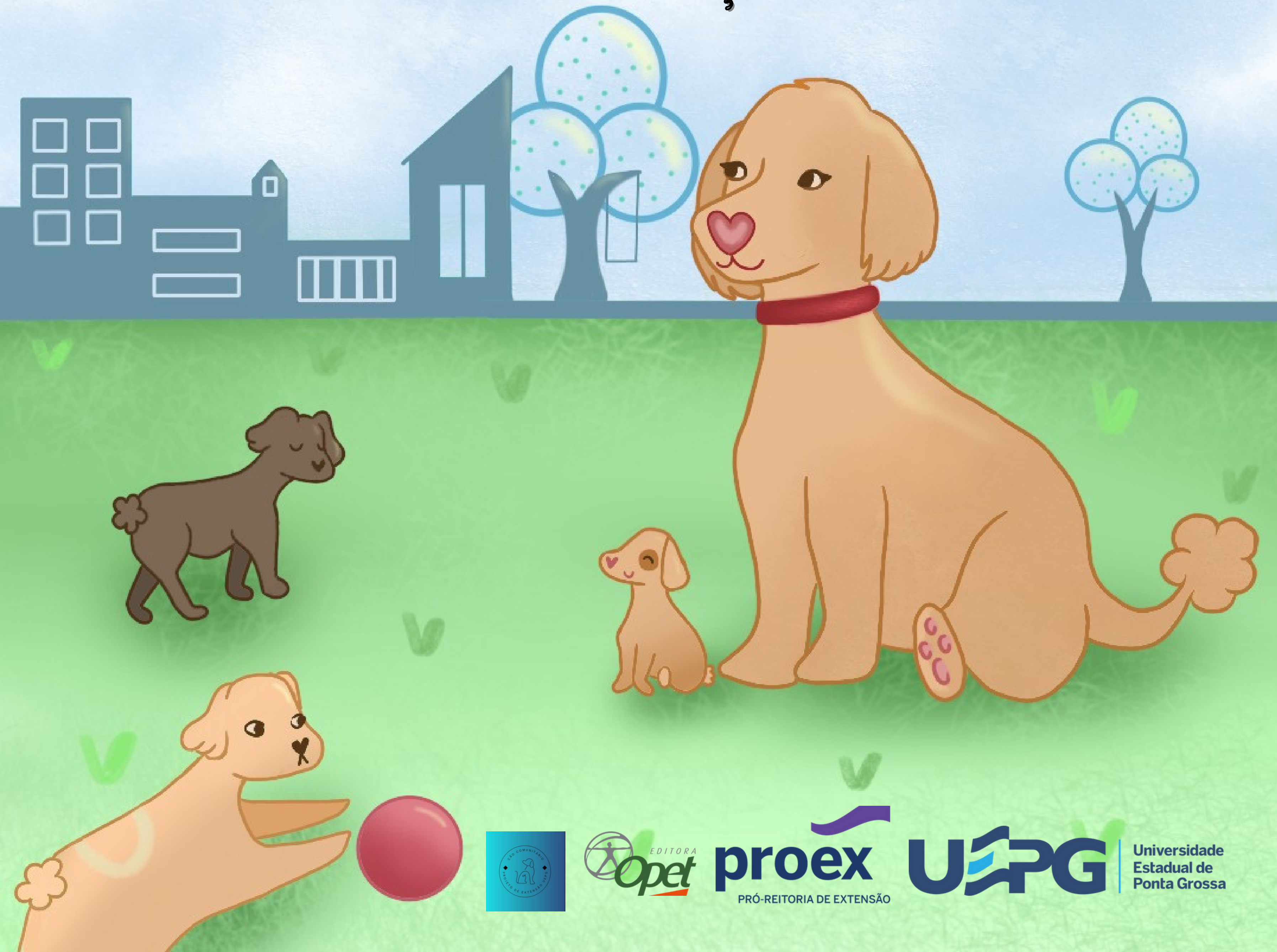


Da série Histórias sem Fim

O Resgate do Filho da Pipoca

Texto de Gisele Brandelero Camargo

Ilustração de Alanis Oliveira



Universidade
Estadual de
Ponta Grossa

Prof. Dr. Miguel Sanches Neto
Reitor da UEPG

Prof. Dr. Ivo Mottin Demiate
Vice-reitor da UEPG

Prof. Dra. Beatriz Gomes Nadal
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Culturais

Prof. Dra. Gisele Brandelero Camargo
Coordenadora do projeto Cão Comunitário

C173 Camargo, Gisele Brandelero
O resgate do filho da Pipoca/ Gisele Brandelero Camargo.
Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2023.
13p. : il. ; col.

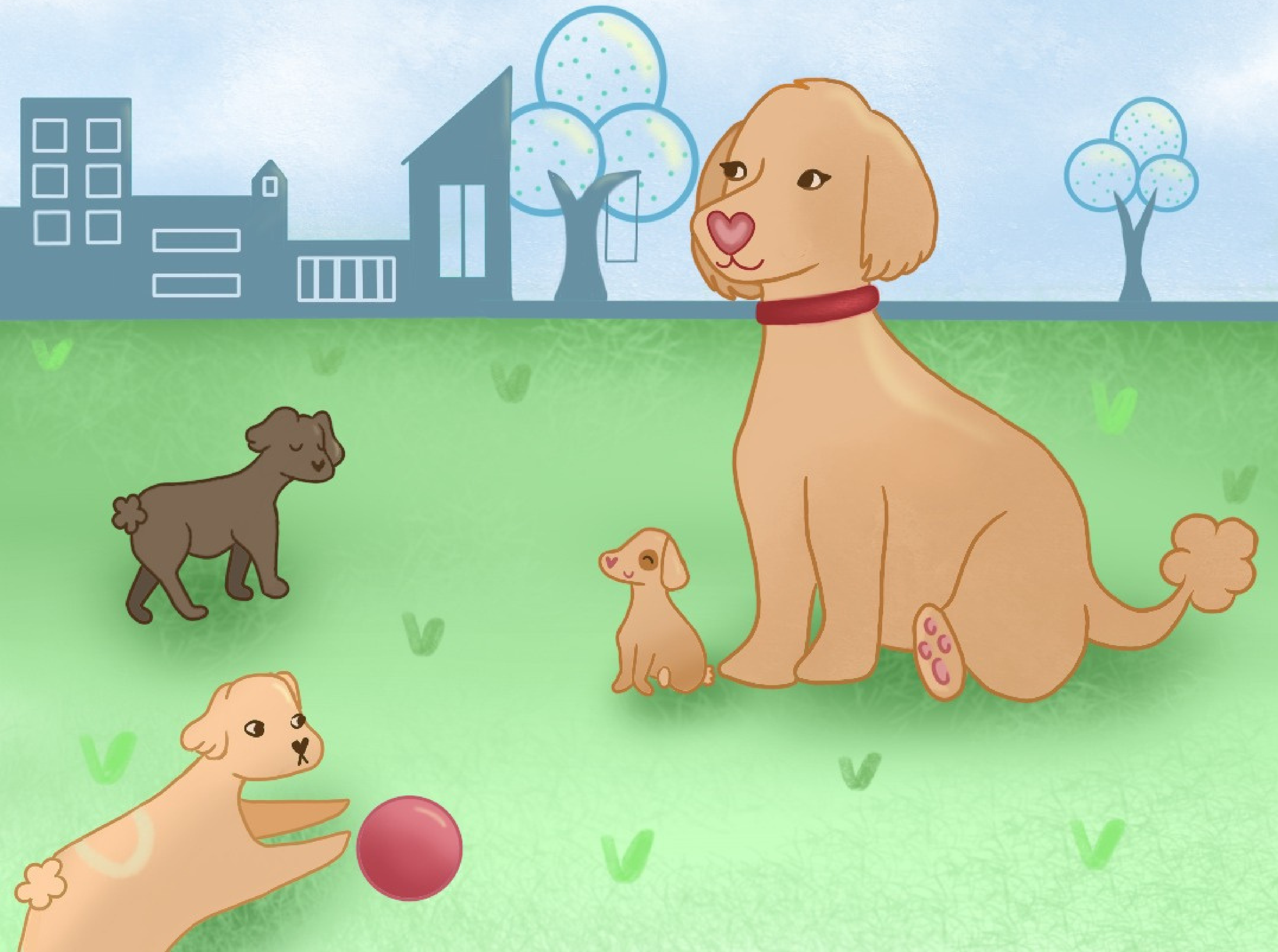
Série: Histórias sem fim.
ISBN: 978-65-86967-85-2

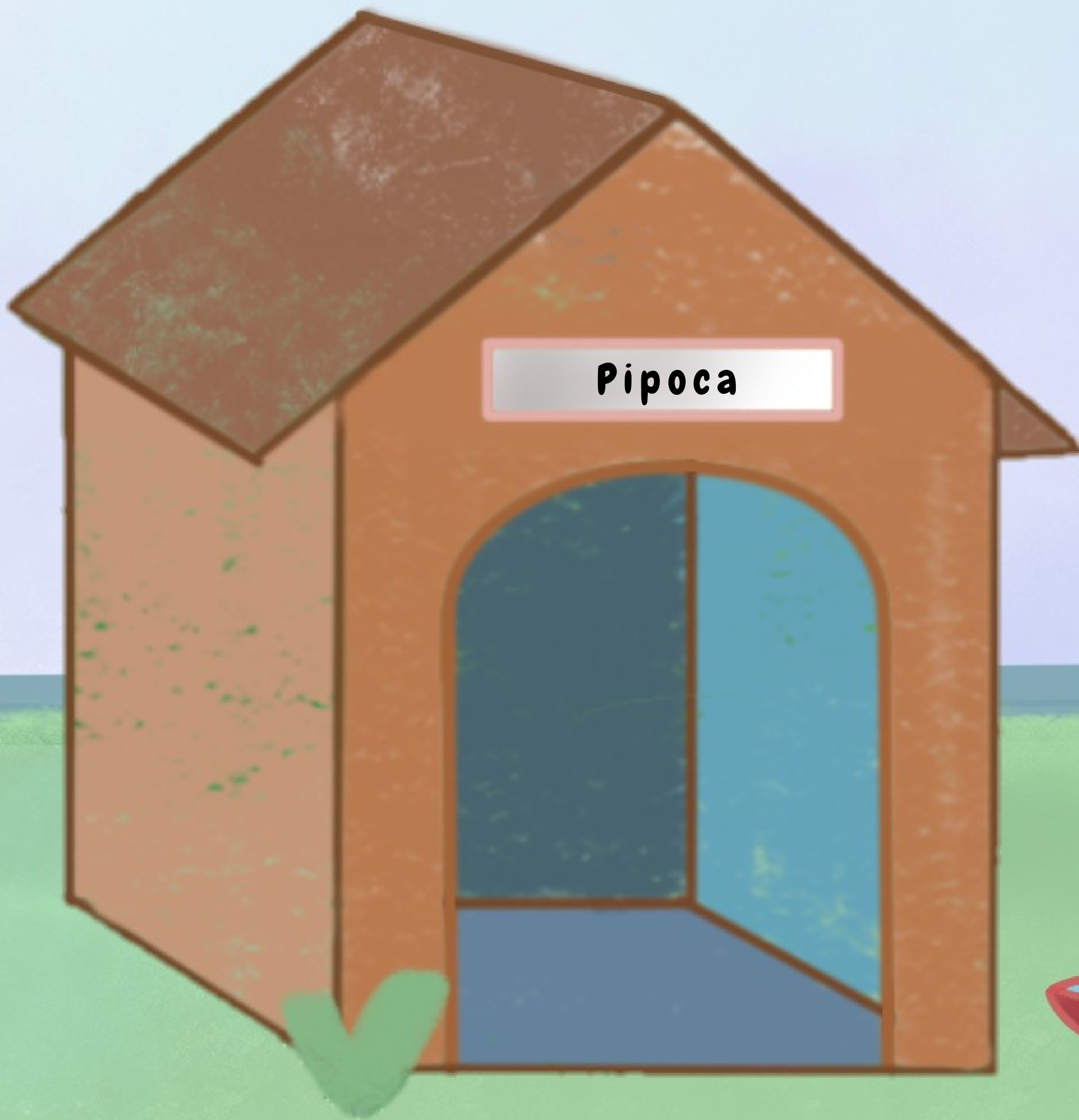
1. Literatura infantil. 2. Animais - Proteção. I. Camargo,
Gisele Brandelero. II. Oliveira, Alanis (il.). III. T.

CDD: 028

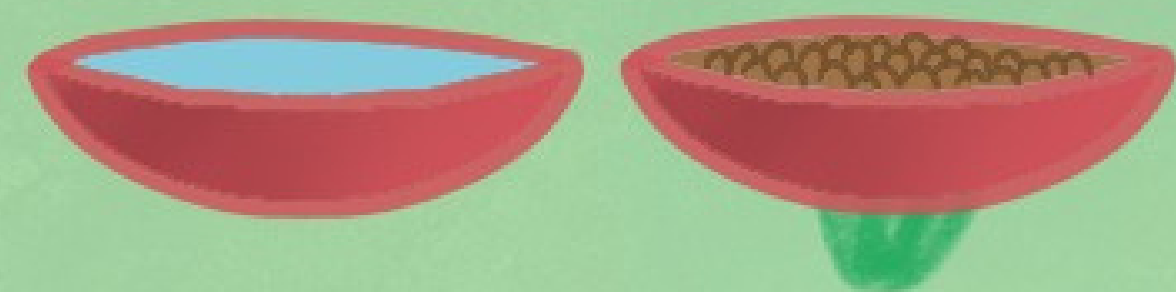
Elaborado por Rodrigo Pallú Martins – CRB 9/2034/O

Numa bela tarde de domingo, nasceram os três filhos da Pipoca.





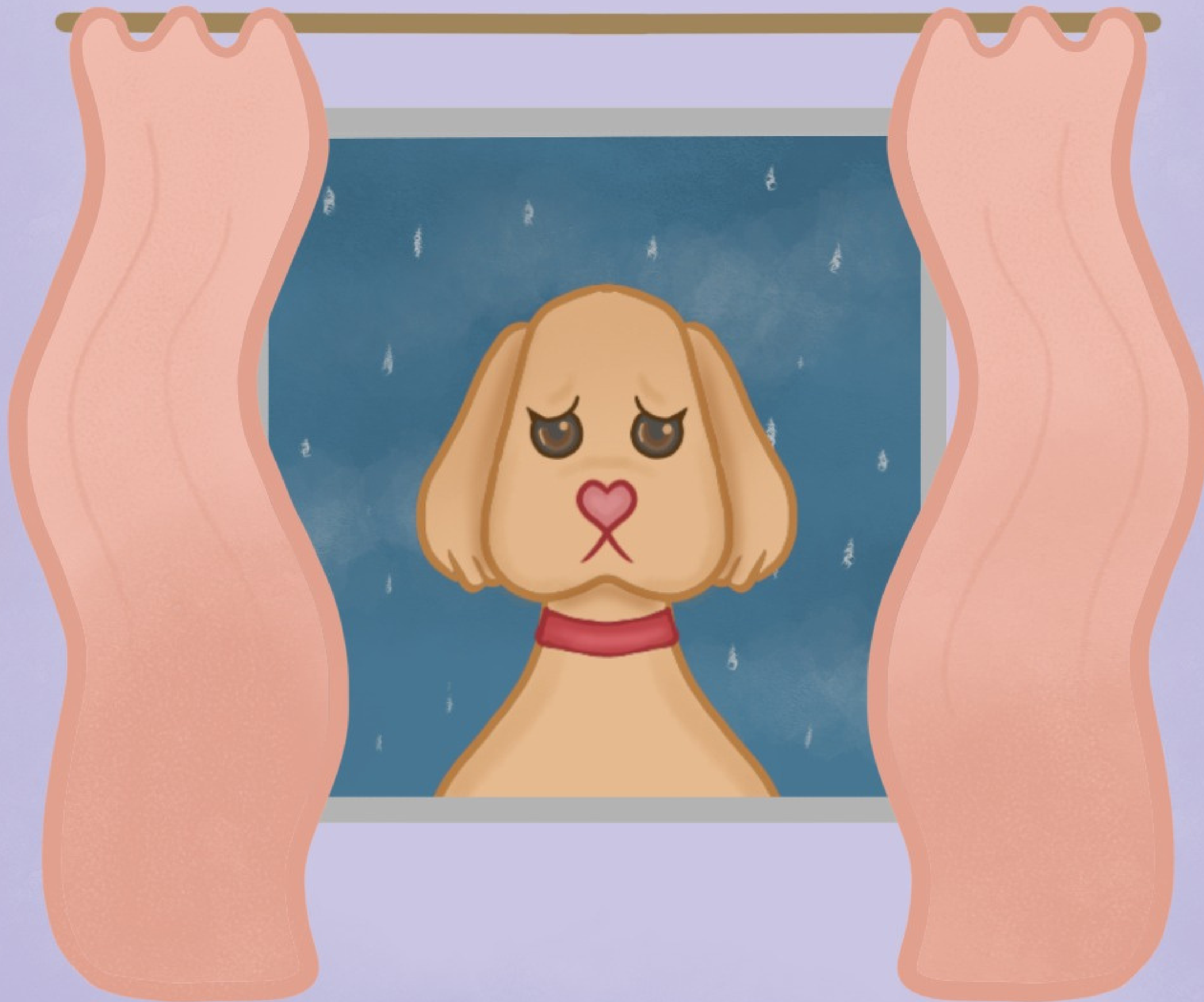
Pipoca



Pipoca é a cachorrinha da vizinha... Bem, na verdade, de todos os vizinhos. Ela mora na casinha, ali na praça. Todos os vizinhos ajudam a cuidar dela. Eu levo ração e água fresca todos os dias para a casa da Pipoca.

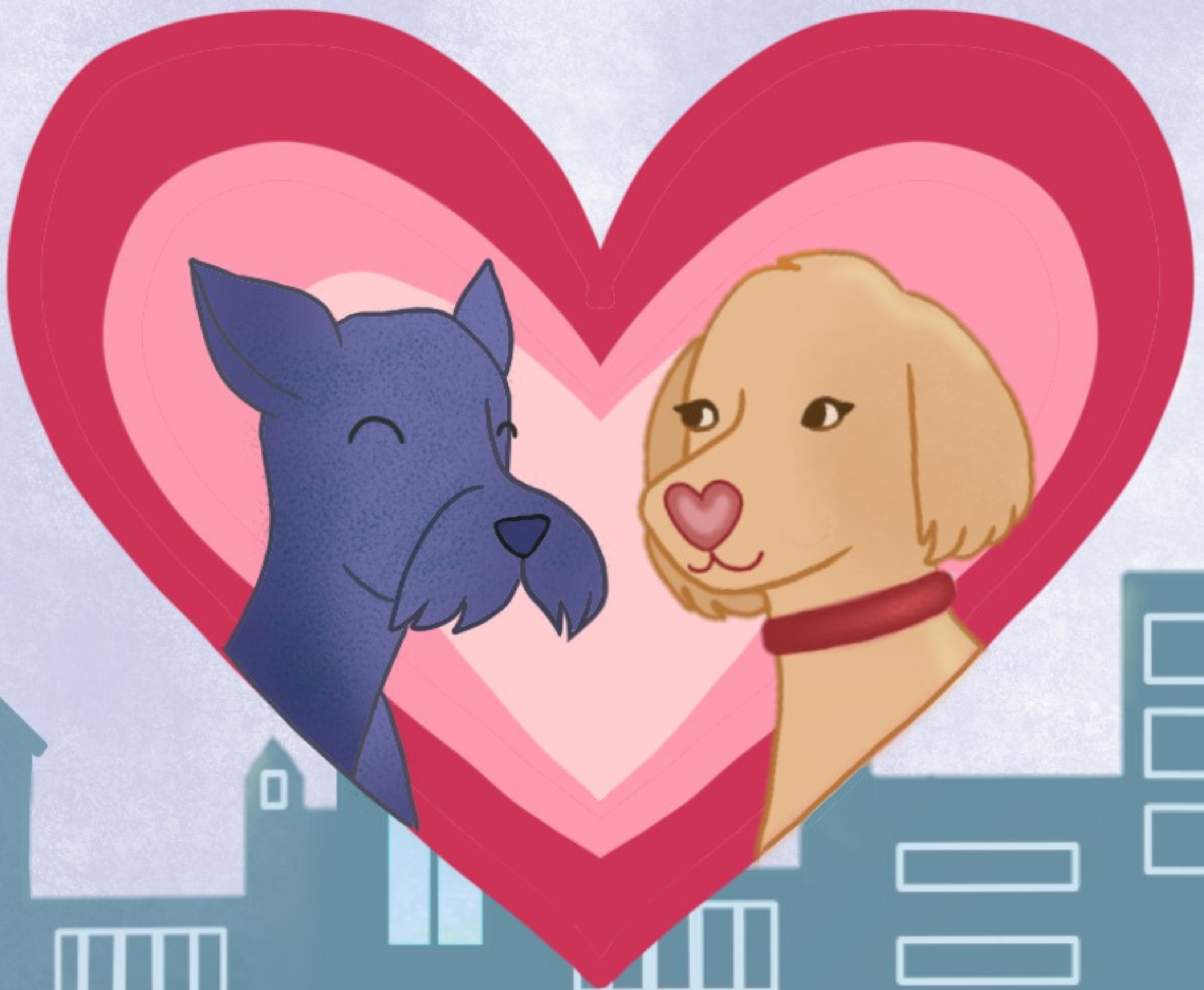
As vezes, brincamos juntas no parque.
Pipoca adora as bolinhas que jogo para ela buscar.





Em noites de chuva, a Pipoca fica com muito medo e pede, com aquele olharzinho dela, para dormir lá na garagem de casa. Minha mãe deixa, mas no dia seguinte ela volta para a casinha dela.

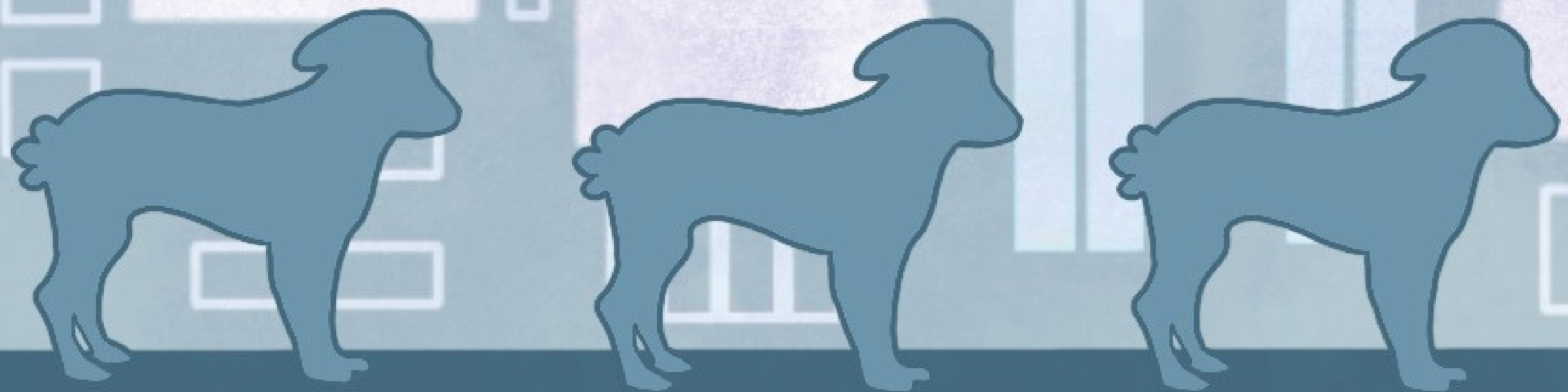
Acontece que a Pipoca esteve passeando pelos arredores do bairro...
Passeando e namorando!
Ela ficou grávida.



Seus três filhos nasceram fortes e saudáveis.
Dois caramelos igual à mãe,
e um escurinho que penso que deve ter puxado o pai.

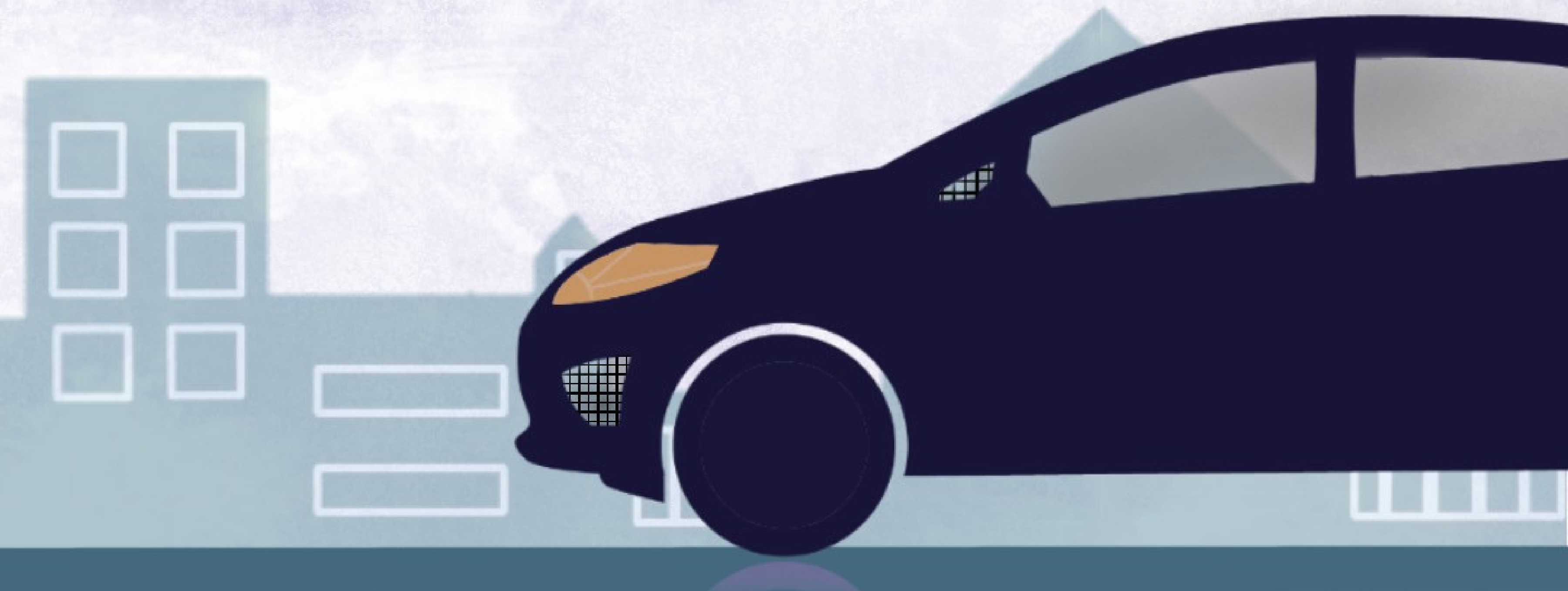


Um dia desses, vi os bebês da Pipoca andando pela rua, soltos, sem nenhuma proteção, sem ninguém para lhes dizer que a rua é perigosa.



Os carros passam voando por lá.

Fiquei preocupada e resolvi passar um tempo com eles na casinha da praça.



Numa dessas saídas pelas ruas, o Nero
(nome que dei para o escurinho), caiu
no boeiro aberto.

Foi uma correria de gente tentando
salvar o Nero.



Eu gritava para chama-lo na boca do
boeiro e, de lá de baixo, ele respondia
com aquele chorinho de dor e medo...

Chorei junto... Fiquei imaginando a dor
quando caiu daquela altura.





Fiquei imaginando o medo dele, ao ver tudo escuro e distante da família. Ainda tinha a questão do frio... Boeiros sempre são úmidos e frios. Coitadinho do Nero.

Será que conseguiríamos retirá-lo de lá?





O sol já está se pondo...

Você tem alguma ideia para salvar o Nero?

Você pode ajudar?